

Bioética e cuidados à saúde como responsabilidade com a vida e a natureza: algumas reflexões

Some remarks on bioethics and health care as responsibility to life and nature

Algunos comentarios sobre la Bioética y los cuidados de salud como responsabilidad frente a la vida y la naturaleza

*Alacoque Lorenzini Erdmann**
*Ana Lúcia Schaefer Ferreira de Mello***
*Francisca Georgina Macêdo de Sousa****
*Magda Santos Koerich*****

RESUMO: Emerge no campo da bioética, disciplina e ramo da ética aplicada, a necessidade da reflexão na área dos cuidados à saúde que compreende a ética da organização e distribuição/comercialização dos referidos cuidados. O tema é apresentado numa proposta de articulação da bioética com o setor saúde nas dimensões da pesquisa e do cuidado à saúde. Para tanto percorremos o caminho reflexivo da bioética na relação com os problemas derivados do saber-fazer resultante da evolução da tecno-bio-ciência, assim como sobre os valores inerentes à vida e à saúde. As reflexões sobre o cuidado à saúde na perspectiva do vir-a-ser possibilitaram o reconhecimento de um outro valor para inspirar a trajetória da humanidade: o cuidado enquanto ato de responsabilidade diante da vida e da efetivação do direito de um viver saudável. O cuidado nos possibilita cultivar a vida, promover o melhor viver respeitando e convivendo com a natureza, como co-participantes da construção da civilidade humana, nas possibilidades de usufruir com/da natureza, os prazeres que a vida nos proporciona. Nossos direitos e deveres para com a vida e a natureza como cidadãos, nos espaços sociais de domínio individual e coletivo, permeiam o cuidado para com a vida e para com a natureza.

DESCRITORES: Bioética; Ética; Cuidados à saúde

ABSTRACT: There emerges in the field of Bioethics, a discipline and an area of Applied Ethics, the need of a reflection on the health care area including the ethics of care organization and distribution/commercialization. This theme is presented in a proposal for articulating Bioethics with health sector in the research and health care dimensions. The authors follow a reflexive path for thinking in bioethical terms about problems of "knowing how to do" coming from techno-bio-science evolution, as well as about the values inherent to life and health. The reflections on health care in prospective terms made possible the recognition of another value to inspire humanity's path: caring as an act of responsibility to life and concrete guarantee of healthy living rights. The caring act allows us to cultivate life, to promote the best-living process, respecting and living together with nature, as co-participants in the construction of human civility, in the possibilities of using together/taking from nature the pleasures that life provides us. Our rights and duties to life and nature as citizens, in the social spaces of individual and collective domain, permeate our life and nature caring.

KEYWORDS: Bioethics; Ethics ;Health care

RESUMEN: Emerge en el campo de la bioética, que es una disciplina y un área de la Ética Aplicada, la necesidad de una reflexión en el área de los cuidados médicos, incluyendo el ética de la organización y distribución/comercialización. Se presenta este tema en una propuesta de articulación de la Bioética con el sector de salud en las dimensiones de la investigación y del cuidado médico. Los autores siguen una trayectoria reflexiva para pensar en términos bioéticos los problemas que advienen del "saber-hacer", resultado de la evolución de la tecnobiociencia, así como sobre los valores inherentes a la vida y a la salud. Las reflexiones sobre los cuidados médicos en términos del devenir hicieron posible el reconocimiento de otro valor para inspirar la trayectoria de la humanidad: el cuidar como un acto de responsabilidad frente a la vida y de garantía del derecho al vivir saludable. El acto de cuidar permite que cultivemos la vida, promovamos el proceso del vivir mejor, respetando la naturaleza y viviendo junto con ella, como coparticipes en la construcción de la cortesía humana, en las posibilidades de usar con la/de la naturaleza los placeres que la vida nos proporciona. Nuestros derechos y deberes a la vida y a la naturaleza como ciudadanos, en los espacios sociales del dominio individual y colectivo, impregnan nuestro cuidar de la vida y de la naturaleza.

PALABRAS-LLAVE: Bioética; Ética; Cuidados de la salud

* Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem, professora titular da Universidade Federal de São Carlos — UFSC. Pesquisadora CNPq. Coordenadora do GEPADES-UFSC. *E-mail: alacoque@newsite.com.br*

** Odontóloga. Doutora em enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC. Membro do GEPADES.

*** Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente da Universidade Federal do Maranhão — UFMA.

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC. Bolsista CNPq. Membro do GEPADES-UFSC.

**** Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora-assistente 3 do Departamento de Patologia da UFSC. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC. Membro do GEPADES e NUPEQUIS.

Notas introdutórias

A evolução e a revolução do conhecimento aliam-se a uma crise que, nas palavras de Capra (1982), é complexa, multidimensional e cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida, da saúde ao modo de vida, as relações sociais, a tecnologia e o meio ambiente. Ampliam-se dessa forma as questões relacionadas à bioética, alcançando não somente os aspectos éticos da saúde humana, mas também aqueles relacionados ao diagnóstico e tratamento das várias condições clínicas. Aliada a estas situações emerge no campo da bioética a necessidade da reflexão na área dos cuidados à saúde, que compreende a ética da organização e distribuição/comercialização dos referidos cuidados.

Apesar dos benefícios inquestionáveis da revolução tecnocientífica, nos surpreende o ritmo e os descaminhos das ciências, ao mesmo tempo em que nos questionamos: Preocupam-se os homens com a condição humana frente aos vários desafios das descobertas? A atitude humana científica é ética? É moral? É política? É econômica? Quais os benefícios para a humanidade, para a vida, para a saúde e o meio ambiente? Que ciência ou modo de conhecimento poderá se comunicar eficazmente com a revolução do conhecimento? Com estes questionamentos somos instigados, neste texto, a refletir sobre a sabedoria e os valores humanos, pautados na prudência e na ética em que se insere a ciência nova: a bioética.

Como objetivo, as autoras, profissionais da saúde, apresentam o tema numa proposta de articulação da bioética com o setor saúde nas dimensões da pesquisa e do cuidado à saúde. Para tanto, percorremos o caminho reflexivo da bioética, como disciplina e como ramo da ética aplicada na relação com os proble-

mas derivados do saber-fazer resultante da evolução da tecno-bio-ciência, assim como sobre os valores inerentes à vida e à saúde.

Bioética: finalidades e preocupações

Os interesses econômicos e financeiros, além de ampliar as desigualdades sociais das populações, impõem riscos à humanidade e ao meio ambiente. Instaura-se dessa forma um verdadeiro contraponto entre o desenvolvimento científico e tecnológico e a condição humana, por induzir à exclusão social, à violência, à miséria e à enfermidade. Descortina-se portanto um objeto amplo e complexo de reflexão que clama por atitudes responsáveis e solidárias do agir humano em defesa da vida.

Mas afinal, o que é bioética e quais as suas finalidades e preocupações?

Em Pessini (2006), o termo bioética representa o conhecimento biológico e dos valores humanos. O autor amplia o conceito de bioética em quatro importantes aspectos. O primeiro, engloba os problemas relacionados aos valores que surgem em todas as profissões de saúde. O segundo aspecto aplica-se às pesquisas biomédicas e comportamentais. O terceiro compreende as questões sociais relacionadas com a saúde ocupacional e internacional e com a ética do controle da natalidade. O quarto e último aspecto vai além da vida e da saúde humana, e compreende as questões relacionadas à vida dos animais e das plantas. A bioética, portanto:

não se ocupa somente dos problemas éticos originados do desenvolvimento científico e tecnológico, mas também das condições que tornam o meio ambiente humano ecologicamente equilibrado na biodiversidade natural e de todos os problemas éticos relacionados ao

cuidado da vida e da saúde. Por isso tem como pressuposto básico o conceito de saúde integral. (p. 42)

Corroborando com esta afirmação o pensamento de Pegoraro (2002), quando diz que a referência central da bioética é o ser humano, considerado especialmente em dois momentos: o nascimento e a morte. É sobre estas duas fases da vida que faz hoje a ciência seus melhores progressos, emergindo daí problemas éticos das mais diferentes dimensões. Em outro momento, Pegoraro (2006) enfatiza que a bioética se traduz como a ética da vida, tendo como primeira tese o respeito à vida humana, animal e vegetal, numa relação de vida e ambiente, cuja maior vítima é a própria vida humana. A bioética se insere nesse contexto como o cuidado das condições de saúde da vida humana, e por isso alguns estudiosos, como Schramm (2002), denominam bioética como “ética da qualidade da vida”.

Ao caracterizar a bioética, Bar-chifontaine (2006) constrói o conceito de moral e ética para, em seguida, construir o de bioética. Para o autor, moral diz respeito aos valores consagrados pelos usos e costumes de uma determinada sociedade, enquanto que a ética é um juízo de valores. A ética exige portanto um julgamento, um processo de reflexão crítica em um interjogo com a racionalidade, com as emoções e com os valores morais. A bioética está se propondo a ocupar o lugar das discussões sobre cidadania dos sujeitos que são objeto de estudo, “sujeitos literalmente objetivados na pesquisa científica biomédica” (Luz, 2002; p. 77). O que marca a modernidade, na opinião da autora, é a formação progressiva da racionalidade como forma de expressão e de conhecimento do mundo natural e humano e a “produção científica como produ-

ção da verdade". Nesse contexto, a ciência e a verdade passam a ocupar um lugar privilegiado e dominante e, como consequência, outros domínios e outras dimensões da condição humana ficam excluídos/omitidos dos enunciados científicos.

Por outro lado, a preocupação maior da bioética é permitir o avanço tecnológico e científico sem contudo "ultrapassar os princípios básicos da população", caracterizando-se como um "movimento social crescente e plural" (Barchifontaine, 2006, p. 94). O autor caracteriza a bioética como um espaço transprofissional, transdisciplinar e transcultural na área da saúde e da vida, pois ela reflete a situação moral de nossas sociedades complexas (Schramm, 2002), dando ênfase à qualidade de vida pautada na tolerância e na solidariedade.

A bioética permite pensar sobre os conflitos que emergem da evolução humana e da revolução científica, mas, se preocupa também com os problemas existentes, com os emergentes e com os problemas persistentes (Hossne, 2006). No entanto, é válido enfatizar que o foco da bioética é a qualidade das práticas humanas sobre os fenômenos da vida (Schramm, 2002).

Bioética: a responsabilidade com a vida e a natureza

A ética aplicada atribui responsabilidades aos indivíduos a partir do pressuposto que cada ato tenha sido livremente escolhido por um agente moral, que sempre é responsável por suas decisões e consequências (Schramm, Kottow, 2001).

Schramm (2003), numa visão antropocêntrica, afirma que a responsabilidade está no cerne da ética, pois os objetos de avaliação ética são justamente os atos escolhidos livremente e pelos quais podemos ser cobrados. Da mesma forma, expandimos esse pensamento para as

questões bioéticas que se apresentam em relação à responsabilidade com a vida.

O princípio da responsabilidade é a proposta de Hans Jonas para a adoção de uma nova ética em face dos novos desafios impostos pela modificação do caráter da ação humana nos dias atuais. Hans Jonas situa a responsabilidade numa perspectiva de futuro. Para o autor, as premissas éticas conhecidas e aplicadas até recentemente já não podem ser mais consideradas ante a mudança da natureza da ação humana.

A reflexão aprofundada de Hans Jonas sobre a ética da responsabilidade, tanto nos níveis individuais como coletivo, representou, na visão de Schramm (2003), a primeira análise sistemática da responsabilidade como princípio moral. É que Jonas propõe um novo imperativo ético, incondicional, mais adequado às ações humanas recentes e dirigido aos novos tipos de sujeito(s) da ação: "Trabalhe de tal modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência da vida humana na Terra", ou, em outros termos, "Não ponhas em perigo as condições da continuidade indefinida da humanidade na terra", ou, ainda, "Inclua em tua escolha presente, como objetivo também do teu querer, a futura integridade do homem" (Jonas, 1995).

Segundo Siqueira (2000), Jonas propõe uma nova ética, considerando que o alcance das prescrições até então vigentes ficam reduzidas ao âmbito da relação com o próximo. Jonas propõe um comprometimento dos nossos compromissos morais de tal modo que alcance as gerações que estão por vir, responsabilizando-nos também pelos cuidados com a natureza extra-humana.

Zancanaro (2000) interpreta a obra de Hans Jonas afirmando que o "fim do ser" é a vida, que não é entendida apenas como um mero

viver, mas sim um viver com dignidade, qualidade e felicidade. A vida como bem concreto clama por respeito, não por imposição normativa ou prescritiva, mas por ser o "bem substancial", cuja exigência quanto ao viver presente e futuro é dele mesmo, não por causa de um desejo, necessidade ou escolha. Segundo Zancanaro (2000, p. 312) devemos ser:

Responsáveis em buscar o bem-estar, já que o futuro depende em grande parte de nossas ações e do uso adequado do poder. A obrigação está na prevenção e preservação como parte intrínseca da responsabilidade com o futuro. Promover a educação, a saúde, a conservação do meio ambiente, a ética como política pública, é uma exigência do agir responsável com o amanhã, pois o agir e seu efeito estão implicados com o bem intrínseco.

A consciência da responsabilidade pelo cuidado à saúde, segundo Morin (1986), deve considerar que a antecipação da ameaça, a predição do dano psicorgânico, o enunciado dos problemas potenciais, podem "contribuir para tornar nossa ação moral, já que nela está implicada a vida".

O cuidado à saúde como responsabilidade ética

O cuidado à saúde vem sendo um dos maiores desafios da sociedade moderna. Desafio para gerar oferta suficiente em adequado padrão de qualidade que satisfaça uma atenção continuamente mais diversificada e crescente desafio para democratizar o acesso das pessoas aos conhecimentos e práticas que a ciência desenvolve. O avanço da ciência e das tecnologias no campo da saúde tem promovido alterações importantes no processo de cuidar.

Santin (1998) destaca que aquele que cuida passa a ser identificado apenas pelo seu desempenho, numa atuação impessoal, neutra. O cuidado teria se transformado assim numa ação meramente técnica, maquinizada e insensível. Em tal contexto destacamos a necessidade de avançar na fundamentação e difusão do valor do cuidado à saúde enquanto ato de responsabilidade ética diante da vida e da natureza.

Situando-se no mundo da vida, o homem é existência e razão das exigências de cuidar e confortar (Santin, 1998). Afinal, o cuidado prolonga a existência e melhora a condição do homem no mundo. O cuidado emerge então como o envoltório da vida, sempre necessário e racionalmente procurado, para que a meta seja alcançada.

Heidegger pensou o homem numa perspectiva existencial de tempo-espaço. Para Heidegger, o ser humano é um ser dominado pelo cuidado. O cuidado possui, a partir do próprio homem, um significado que configura o ser humano como “ser do cuidado”, da preocupação, objeto de atenção das ciências da saúde, mas não só.

É notável a produção científica no sentido de conceituar “cuidado”, verificar suas propriedades, compreender e construir sistemas e contextualizar referências para tornar operacional o conhecimento construído. Desse modo, torna-se importante repassar algumas concepções mais destacadas do ato de cuidar desenvolvidas principalmente no âmbito da ciência da Enfermagem.

A constatação de que o cuidado é o tema central da atenção, da ciência e do exercício profissional da enfermagem foi magnificada por Madeleine Leininger, para quem os cuidados referem-se aos fenômenos relacionados com a assistência, condutas de apoio e facilitação dirigidas a indivíduos ou grupos com

necessidades reais/evidentes ou potenciais. Os cuidados serviriam então para melhorar ou aperfeiçoar o processo vital. O cuidado, na visão de Leininger é determinado culturalmente, ou seja, embora constituam fenômenos universais, as expressões, processo, formas estruturais e padrões de cuidado variariam segundo cada cultura (Marriener-Tomey, 1994).

Com uma visão fenomenológico-existencialista, pontuando aspectos psicológicos e de outras ciências humanas, encontramos a contribuição de Jean Watson, para quem os pacientes requerem cuidados holísticos que promovam o humanismo, a saúde e a qualidade de vida. O cuidado é aqui compreendido como um fenômeno social universal e que só resulta efetivo se for praticado de forma transpessoal (Watson, 2005). A relação transpessoal implica em preocupação com o mundo interno e subjetivo da pessoa, e vai além da relação estabelecida em determinado momento. A pessoa cuidada é vista na sua integralidade, com consciência e intencionalidade, pelo profissional, que adentra no campo fenomenal do outro ser com preceitos éticos e respeito ao referencial trazido por esse outro no momento do cuidado. Os valores, conhecimentos e práticas de cuidado humano são direcionados para os processos subjetivos internos de recomposição/reconstituição (*healing*) experienciados pelas pessoas, e que requerem a arte de cuidar-reconstituir. Nesse processo de cuidado transpessoal estão envolvidos os “*clinical caritas*”, que incorporam arte, ciência e espiritualidade, dando lugar à valorização da sensibilidade e à humanização do cuidado (Watson, 2005).

Abrindo caminhos para concepções modernas, outra expressiva referência é Rosamarie Parse que vê o homem como unidade vital co-participante e co-responsável pelas suas experiências de saúde/doença.

Como corolário direciona o cuidado para o desenvolvimento da autonomia individual. Sua visão está fundamentada na natureza unitária do homem como uma síntese de valores e um modo de vida. Como consequência, a saúde existe quando o homem estrutura o significado das situações, formatando então um processo de ser e de realizar (Marriener-Tomey, 1994).

Assim, segundo Patrício (1995), cuidar é cultivar a vida, é desenvolver ações de promoção da vida e tratamento de limitações do bem viver dos seres humanos em harmonia com a natureza. Constitui um processo de educação para a vida saudável, incluindo a garantia de democracia em todos os seus sentidos políticos e afetivos. O cuidado é fator de mediação entre a satisfação do ser humano em suas necessidades de viver e ser saudável. Patrício defende o referencial do “cuidado holístico-ecológico”, um novo paradigma de cuidado transpessoal e transcultural e reforça a compreensão do conceito de ser humano como ser pensante e ativo quando o faz participante do processo de análise-compreensão de suas situações de vida, incluindo a busca de transformação de limitações do seu viver, partindo de suas possibilidades e incluindo seus direitos e deveres, enquanto indivíduo-coletivo.

Para Lacerda (2000), o processo de cuidar é dinâmico, construído na medida em que os participantes do processo nele se envolvem e interagem. O cuidado conteria um componente relacional, o cuidador, que ao se colocar no lugar do assistido definiria situações pelos significados que o outro (paciente, família, equipe de saúde) lhe mostra. As ações de cuidado, portanto, resultam da interpretação e definição de símbolos sempre na perspectiva das relações do cuidador consigo e com os outros.

Ainda uma visão interpessoal de cuidado é a apresentada por

Polak (1996) que considera o cuidar uma ação intencional contextualizada no tempo e no espaço e dada historicamente. Segundo a autora, é o sair de si, o retirar o outro do seu em si. O cuidado se dá numa situação de encontro, norteado pela corporeidade. O corpo que cuida e o corpo cuidado constroem conscientemente, juntos, suas trajetórias.

O paradigma do cuidado transdimensional foi sugerido por Silva (1997), e emerge com a perspectiva de integração/transformação para superar a separação entre disciplinas e/ou profissões e entre estas e o senso comum, através da convergência da arte, ciência e espiritualidade. O cuidado transdimensional, ao privilegiar a alma/ser na interação com a Alma Universal busca ampliar o campo de ação do cuidado. Procura expandir as capacidades inerentes aos seres envolvidos para entrarem em contato com suas potencialidades de amor e sabedoria e serem seus próprios cuidadores nesse processo.

Entendendo ser o cuidado essencial para a sobrevivência dos seres na natureza, Erdmann (1996) visualizou múltiplas dimensões do cuidado, quer processado pelo indivíduo, grupos, entidades ou sociedade. Valendo-se dos preceitos da teoria geral dos sistemas, a autora, sublinha que as pessoas no sistema de cuidado podem ser pontuadas como seres auto-eco-organizadores, partícipes de um sistema complexo de estruturação, em que o cuidado humano pode ser visto como polifuncional e polivalente, extrapolando sua funcionalidade, objetividade e limites.

O cuidado possui também um outro componente importante: a solidariedade. Bettinelli e Erdmann (2000) referem-se ao cuidado solidário como aquele que exige do profissional mais do que conhecimento técnico. Segundo tal enten-

dimento, o cuidado requer um viver compartilhado, sensível, crítico, consciente e responsável. O cuidado solidário é visto como uma atitude bioativa na qual cuidar é um processo interativo, essencial à manutenção e preservação da saúde. Ao afirmarem que não há vida sem cuidado e não há cuidado sem a intencionalidade de valorização da vida e que na sua essência o cuidado é um preceito ético, derivando daí o aspecto ético do cuidado como dimensão fundante da ação de cada profissional da saúde (Bettinelli, Erdmann; 2000).

As reflexões sobre o cuidado à saúde na perspectiva do vir-a-ser possibilitaram o reconhecimento de um outro valor para inspirar a trajetória da humanidade: o cuidado enquanto ato de responsabilidade diante da vida e da efetivação do direito de um viver saudável.

O cuidado à saúde como responsabilidade com a vida e a natureza

Capra destaca que uma concepção sistêmica de saúde baseia-se na concepção sistêmica de vida, em que os organismos vivos se mantêm em um estado de equilíbrio dinâmico, ou seja, de múltiplas influências e interações entre eles e o ambiente. Para ele, “a saúde, portanto, é uma experiência de bem estar resultante de um equilíbrio dinâmico que envolve os aspectos físico e psicológico do organismo, assim como suas interações com o meio ambiente natural e social” (Capra, 2005, p. 316). Podemos dizer então que o cuidado na saúde é também o cuidado com a vida. Esta afirmação nos chama à responsabilidade para com a vida de todos os seres e não apenas dos humanos.

Só vamos nos responsabilizar pela vida quando nos percebermos como seres vivos, fazendo parte da natureza e não como seu feitor ou

como senhores absolutos de outras vidas. A bioética nos remete à ética do cuidado à vida, do cuidado responsável, não apenas pelas vidas que nos rodeiam, mas, principalmente pela possibilidade de continuidade de nossa existência futura.

A ética da responsabilidade desenvolvida por Jonas se coloca como um *dever ser* no presente, para garantir o *ser* no futuro da vida no planeta. Jonas argumenta que mesmo que seja possível (lícito) colocar nossa vida em risco, não é lícito arriscar a vida da humanidade, ou ainda, que nós não temos o direito de decidir e nem sequer de arriscar o *não-ser* das futuras gerações, por causa do *ser* da geração atual. Destaca também que esse novo imperativo “remete a um futuro real previsível como dimensão aberta de nossa responsabilidade” (Jonas, 1995).

O termo responsabilidade indica a capacidade individual de assumir antecipadamente pelo que vai fazer, ou seja, ter consciência de todas as conseqüências das suas próprias ações e omissões. É um termo que implica *dever* perante o frágil e o vulnerável, não como mera consciência passiva, mas como o *dever fazer de alguém* em resposta ao *dever ser*.

Como os efeitos da ação tecnológica do homem sobre a natureza são em grande proporção desconhecidos, Jonas nos adverte para os efeitos de nossas ações sobre a condição total da natureza em nosso planeta, bem como a classe de criaturas que devem ou não povoá-lo. Outro aspecto de sua teoria é a constatação de que tudo o que parece ser utópico hoje logo se transforma em projeto realizável pela razão humana, daí decorre o dever de manter uma distância saudável “entre os desejos cotidianos e os fins últimos, entre as ocasiões em que é preciso exercer a prudência e aquelas onde se pode exercer uma sabedoria iluminada” (Jonas, 1995).

Para o autor, a ética da responsabilidade é proporcional ao alcance do nosso poder, exigindo então significativa dose de humildade mediante a magnitude desse poder e de nossa excessiva capacidade de fazer, que sobrepuja nossa capacidade de prever, de valorar e de julgar.

O desenvolvimento do saber humano coloca à nossa disposição forças cuja utilização tem agora que ser regulada por normas. Este saber neutralizou o valor da natureza e do homem e se fez acompanhar de um grande vazio. O medo de nós mesmos e das conseqüências de nossos atos pode ser o melhor substituto para a autêntica virtude e sabedoria, trazendo assim, para a ética ou bioética, a tarefa de dizer o que *tem de existir*. Isto porque os homens “agem”, e é preciso fundamentos éticos para ordenar as ações e regular seu poder. “*Tanto mais tem que existir, quanto maiores forem os poderes da ação que ela tem que regular; e o princípio regulador deve ser proporcional tanto à magnitude quanto ao caráter do que tem de ser regulado*” (Jonas, 1995, p. 59).

Mediante estas colocações, torna-se necessário refletir e ampliar a discussão sobre qual a sabedoria necessária ao agir tecnológico em saúde, bem como quais as dimensões da nossa responsabilidade, enquanto agentes e produtores do conhecimento técnico-científico e enquanto profissionais da saúde.

Cabe lembrar aqui uma das muitas frases do chefe Seattle: “*O que*

ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo”. Esta frase, destacada de um texto carregado de sabedoria, alerta para a necessidade de que alguém nos mostre a sabedoria prática que vem do cotidiano. A responsabilidade para com o futuro exige prudência e renúncia às possibilidades catastróficas do uso imprudente da tecnologia. Aí pulsa a verdadeira sabedoria de uma ética do futuro. Uma bioética que assume uma tarefa reflexiva em relação à tecnologia não por idealismo, mas por uma questão de sobrevivência, por saber da possibilidade real de impossibilidade do futuro. Não se trata de impor um limite ao conhecimento, mas a certo tipo de conhecimento que pode colocar em perigo a continuidade da vida.

Para alcançar essa utopia ética é preciso cuidar da vida e da natureza com benevolência. Frente à incerteza quanto ao futuro, não é possível viver como se a vida fosse um jogo de azar ou de apostas. Afinal, no sentido ético, qual aposta é lícito fazer?

Refletindo sobre as possibilidades de cuidar e de ser cuidado para uma vida mais digna e ética

Reconhecemos que os cuidados à saúde implicam na responsabili-

dade para com a vida e a natureza. O cuidado à saúde é também o cuidado com a vida: responsabilidade para com a vida de todos os seres e não apenas dos humanos. A vida como bem concreto, substancial, requer respeito, dignidade, responsabilidades.

Como cuidadores, é importante reconhecer que a consciência da responsabilidade pelo cuidado à saúde deve considerar que a antecipação da ameaça, a predição do dano psicorgânico, o enunciado dos problemas potenciais podem “contribuir para tornar nossa ação moral, já que nela está implicada a vida”.

O cuidado nos possibilita cultivar a vida, promover o melhor viver respeitando e convivendo com a natureza de modo prazeroso e harmonioso. Viver melhor ou melhor viver nos remete ao viver mais saudável, como co-participantes da construção da civilidade humana nas possibilidades de usufruir com/da natureza os prazeres que a vida nos proporciona. Nossos direitos e deveres para com a vida e a natureza como cidadãos, nos espaços sociais de domínio individual e coletivo, permeiam o cuidado para com a vida e para com a natureza. Eis o nosso desafio!

Portanto, o viver a vida mais digna e ética implica em reconhecer que o cuidado é um valor, um direito, um dever, um compromisso social, uma possibilidade de construção de mais civilidade humana e de uma sociedade mais saudável.

REFERÊNCIAS

- Barchifontaine CP. Bioética, cidadania e controle social. In: Pessini L, Barchifontaine CP. Bioética e longevidade humana. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2006. p. 91-103.
- Barchifontaine CP. Perspectivas da bioética na América Latina e o pioneirismo no ensino de bioética no Centro Universitário São Camilo, SP. In: Pessini L, Barchifontaine CP. Bioética e longevidade humana. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2006. p. 197-215.
- Bettinelli L, Erdmann AL. Relações solidárias nos serviços de saúde: uma utopia? Rev Gaúcha Enf 2000; jul 21(2):19-36.
- Capra F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25ª. ed. São Paulo: Cultrix; 2005.
- Dall'Agnol D. Bioética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005. (Coleção Filosofia Passo-a-Passo)
- Erdmann AL. Sistemas de cuidados de Enfermagem. Pelotas: Universitária/UFPel; 1996. (Série Teses em Enfermagem).
- Hossne WS. Em bioética é preciso educar-se: uma provocação. In: Pessini L, Barchifontaine CP. Bioética e longevidade humana. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2006. p.143-148.
- Jonas H. El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización tecnológica. Barcelona: Herder; 1995.
- Lacerda MR. Tornando-se profissional no contexto domiciliar: vivência do cuidado da enfermeira. [tese de doutorado] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2000. 222p.
- Luz M. Racionalidades médicas e bioética. In: Palácios M, Martins A, Pegoraro OA. Ética, ciência e saúde: desafios da bioética. Petrópolis: Vozes; 2002. p.76-85.
- Marriner-Tomey A. Modelos y teorías en enfermería. 3ª.ed. Madrid: Harcourt Brace; 1994. 530p.
- Morin E. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.
- Patrício Z. A dimensão felicidade- prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. [tese de doutorado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1995. 215p.
- Pegoraro OA. Fundamentos filosóficos da Bioética. In: Palácios M, Martins A, Pegoraro OA. Ética, ciência e saúde: desafios da bioética. Petrópolis: Vozes; 2002. p.46-61.
- Pegoraro OA. O lugar da bioética na história da ética e o conceito de justiça como cuidado. In: Pessini L, Barchifontaine CP. Bioética e longevidade humana. São Paulo: Centro Universitário São Camilo;2006. p.5-46.
- Pessini L. Bioética: das origens à prospecção de alguns desafios contemporâneos. In: Pessini L, Barchifontaine CP. Bioética e longevidade humana. São Paulo: Centro Universitário São Camilo;2006. p.5-46.
- Polak YNS. A corporeidade como resgate do humano na Enfermagem. [tese de doutorado]. Florianópolis:Universidade Federal de Santa Catarina;1996. 131p.
- Santim S. Cuidado e/ou conforto: um paradigma para a enfermagem desenvolvido segundo o costume dos filósofos. Texto Contexto Enferm 1998; mai/ago7(2):111-132.
- Schramm FR. A bioética, seu desenvolvimento e importância para as ciências da vida e da saúde. Rev Bras Cancerologia 2002; 48 (4): 609-615.
- Schramm FR. As diferentes abordagens da bioética. In: Palácios M, Martins A, Pegoraro AO. Ética, ciência e saúde: desafios da bioética. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 28-45.
- Schramm FR. A bioética da proteção em saúde pública. In: Fortes PAC, Zoboli ELCP. Bioética e saúde pública. São Paulo:Loyola; 2003. 167p.
- Schramm FR, Kottow M. Principios bioéticos en salud pública: limitaciones y propuestas. Cad. Saúde Pública 2001; jul/ ago17(4):949-956.
- Silva AL. Cuidado transdimensional: um paradigma emergente. [tese de doutorado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1997. 177p.
- Watson J. Jean Watson and the theory of human caring. Disponível em: <URL: >.
- Zancanaro L. Cuidando do futuro da vida humana: a ética da responsabilidade de Hans Jonas. Mundo saúde 2000; jul/ ago24(4):310-320.
-

*Recebido em 14 de fevereiro de 2006
Aprovado em 29 de março de 2006*